

## O PADRE E O DOUTOR: OS MEDIADORES DO HORROR DE LE FANU

Danilo Tavares Marinho da Silva  
Mestrado/UFF  
Orientador: André Cardoso

Um tema recorrente em narrativas de terror (seja no cinema, seja na literatura) é o embate constante entre a fé e a ciência. Um exemplo recente que pode ser usado é o filme “O Exorcismo de Emily Rose”, de 2005, no qual essa discussão se faz de forma clara, com cenas em um tribunal julgando um padre que está sendo acusado de maus tratos a Emily Rose, uma jovem estudante supostamente possuída por entidades demoníacas, mas que também sofria de crises convulsivas - sendo que a interrupção de seu medicamento foi exigida pelo padre para que o exorcismo pudesse ter efeito. Esse embate - que não se restringe nessa obra, como será exposto nesse trabalho - acaba apresentando duas vozes de autoridade distintas: o padre e o cientista. Essa dicotomia, que consiste no confronto entre a crença, a fé, a certeza de uma justiça ou solução divina e o pensamento científico, onde aspectos mistificados saem de cena para dar lugar para respostas exatas, sem margem para discursos supersticiosos, pode ser encontrada século XIX, época em que o aflorar científico iniciou um desmonte do discurso religioso que fora a voz regente até a ascensão do Iluminismo. Essa transição de vozes de autoridade acaba por refletir na literatura - aqui, especificamente, o foco será na literatura de horror e fantástica.

Quando se trabalha com a força de ambos os discursos de autoridade, deve-se levar em conta também o ambiente e o momento em que as narrativas se desdobram. Em “O quarto vermelho”, de H.G. Wells, o leitor se depara com um narrador cético que, por motivos desconhecidos, decide passar a noite em uma mansão onde supostamente ocorrem fenômenos sobrenaturais. Ao observar as pessoas em seu redor, o personagem-narrador faz o seguinte comentário:

Eles pareciam pertencer a uma outra época, mais antiga, uma época em que coisas espirituais eram de fato para serem temidas, uma época em que presságios e bruxas eram críveis e fantasmas além de qualquer negação. (WELLS, 2013).<sup>(1)(2)</sup>

Essa colocação se alinha com a preocupação que David Roas tem ao defender que parte do efeito do fantástico, a seu ver, está relacionada ao aspecto sociocultural de uma sociedade:

É evidente, portanto, a necessária relação do fantástico com o contexto sociocultural: precisamos contrastar o fenômeno sobrenatural com nossa concepção do real para poder qualificá-lo de fantástico. Toda representação da realidade depende do modelo de mundo de que uma cultura parte. (ROAS, 2014: 39)

Partindo desses princípios, a análise dessas vozes distintas entre fé e ciência aqui proposta passará para o autor que será o principal fonte literária para a ser investigada na dissertação de mestrado, o escritor Joseph Sheridan Le Fanu, irlandês que influenciou diversos autores do gênero do horror/sobrenatural, sendo inclusive tido como um dos pais das histórias de fantasmas modernas:

A culminação dessa carreira é 'Chá verde' (...) a estória de um homem que tem literalmente um macaco em suas costas, servindo como a introdução ideal não somente aos outros contos de Le Fanu mas também para uma nova escola fantasmagórica que ele gerou. (SULLIVAN, 1978: 12)<sup>(3)</sup>

Suas principais criações vieram em forma de contos, dos quais pode-se mencionar como seus mais famosos “Carmilla, a vampira de Karnstein”, “Chá verde” e “Estranho incidente na vida do pintor Schalken”, os dois primeiros publicados na última coletânea do autor, intitulada *In a Glass Darkly*, e o terceiro em sua primeira, chamada *The Purcell Papers*. Apesar de a primeira delas não dispor do mesmo prestígio da segunda – os críticos costumam mencionar uma certa pobreza nos contos e uma falta de identidade, pois os contos não seguem nenhum tipo de padrão, havendo, inclusive, uma sátira onde Le Fanu faz uma releitura de uma lenda do folclore irlandês– pode-se estabelecer um diálogo interessante entre ambas por conta das figuras de autoridade presentes nas narrativas de cada coletânea. No início de ambas, Le Fanu lança mão de um recurso muito utilizado na literatura inglesa do século XIX: o *authorial disavowal*<sup>(4)</sup>. No caso de *The Purcell Papers*, os contos são apresentados como parte dos escritos

pertencentes ao reverendo Francis Purcell, de Drumcoolagh. Quando passamos para *In a Glass Darkly*, temos os relatos de caso do doutor Martin Hesselius.

Tendo, assim, estabelecido o binômio que cria a voz da autoridade em ambas coletâneas do autor irlandês, faz-se necessário, levando em conta tanto a colocação de Roas quanto a fala do personagem-narrador em “O quarto vermelho”, analisar o espaço e os momentos em que os contos se desenvolvem para que a escolha desses mediadores se faça, assim, justificada e compreendida.

O início da escrita de Joseph Sheridan Le Fanu se mostra fixada no espaço rural irlandês, reflexo de um apego seu ao local onde passara sua infância, Chapelizod – local onde se passa um de seus romances, *The House by the Churchyard*. O espaço mais bucólico dá margem a uma ambientação mais típica da literatura gótica, onde encontram-se castelos e mansões em ambientes mais isolados, como pode-se ver num dos marcos da literatura gótica, “O castelo de Otranto”, de Horace Walpole. O estilo de paisagem e arquitetura otrantesca se mostra presente no segundo conto de *The Purcell Papers*, “A sina de Sir Robert Ardagh”:

Há um ponto em que o vale se torna ainda mais estreito e profundo; as laterais descem à profundidade de centenas de pés e são tão íngremes que beiram a perpendicularidade. As árvores selvagens que se enraizaram nos recantos e abismos pedregosos tanto se cruzaram e embaraçaram, que alguém, com dificuldade, poderia vislumbrar a nascente que circula, ilumina e espuma abaixo, como se exultasse nos arredores silenciosos e solitários. (LE FANU, 2001: 27)<sup>(5)</sup>

O contraponto pode ser feito tanto lendo “Chá verde” quanto “O familiar”. Os personagens principais dos dois contos, atormentados por suas assombrações – o primeiro, pelo fantasma de um macaco, o segundo, pela silhueta de um homem denominado *The Watcher* –, alegam que seus obsessores podem ser vistos em todos os lugares, seja em suas residências, seja nas ruas populosas da cidade grande. Assim, pode-se notar uma adequação da forma como os fenômenos sobrenaturais se apresentam. Com o fim da mansão gótica clássica - uma vez que o novo espaço apresentado, o das grandes cidades e seus altos índices populacionais, não permite que existam construções da mesma magnitude de outrora -, os fantasmas passam a assombrar a mente de suas vítimas. Em *Elegant Nightmares: The Ghost Story from Le Fanu to Blackwood*, Jack Sullivan apresenta a ideia de ausência de refúgio nesse novo espaço urbano:

(...) seus heróis condenados são perseguidos aonde quer que vão e são atormentados nos locais mais inusitados: seus atormentadores fantasmagóricos não veem necessidade de se confinarem em mansões góticas depressivas e podem aparecer em qualquer lugar, frequentemente à luz do dia. (SULLIVAN, 1978: 21)<sup>(6)</sup>

A mudança de cenário não foi o único fator que se modificou com o surgimento da cidade. Como já dito antes, com a consolidação do saber científico, a voz de autoridade na sociedade mudou. Acontecimentos antes respondidos por questões de fé passaram a ser investigados. Esse desenvolvimento da forma de pensar acaba se relacionando com a dicotomia apresentada anteriormente entre o padre e o cientista. Passa-se a fazer um questionamento sobre acontecimentos que antes teriam sido deixados de lado. Esse tom investigativo se faz presente em "Chá verde", como bem argumenta John Langan em seu artigo *Conversations in a Shadowed Room: The Blank Spaces in "Green Tea"*:

Com o suicídio de Jennings e sua consequência, a parte fantasmagórica da narrativa chega ostensivamente a um encerramento. O que segue é a sua parte médica. Enquanto que a estória de fantasma possa se contentar com o fim em mistério, a narrativa médica requer uma explicação. De fato, um praticante da medicina metafísica como Hesselius pareceria adequado para dar conta da estória do sacerdote. O momento médico é liberado para conter o fantasmagórico, para torná-lo mais inteligível. (LANGAN, 2011:328)<sup>(7)</sup>

Um aspecto espacial que se nota é que em diversos momentos os personagens atuantes relacionam-se com áreas e diálogos ligados ao saber. A biblioteca de Martin Hesselius e diálogos acadêmicos - onde há, inclusive, conversas a respeito da medicina metafísica -, por exemplo, fazem parte da narrativa de Le Fanu.

Quase como um meta-texto sobre essa relação, o conto "Chá verde" apresenta uma relação entre um homem ligado aos saberes científicos, um doutor. Há uma dificuldade em apontar e identificar a exata área de atuação de Martin Hesselius. Seu assistente o classifica como médico-filósofo. Em sua introdução escrita para a Wordsworth Editions de *In a Glass Darkly*, Paul M. Chapman descreve Hesselius como "um proto-psicólogo e uma prévia dos investigadores semi-cientistas psíquicos que estiveram em voga no início do século XX" (LE FANU, 2007: XI)<sup>(8)</sup>. Essa colocação de Chapman vai de encontro à abordagem escolhida por Sullivan, visto que ele considera o

personagem criado por Le Fanu incapaz de resolver o problema de Jennings. Independente da falha ou sucesso, uma vez que passa a ser atormentado pelo fantasma de um macaco, o homem da fé procura o representante do mundo científico para ajudá-lo. Assim, estabelece-se essa mudança de autoridade do saber. Seu fantasma parece ainda mais representar uma agressão à fé, visto que ele o assombra tanto durante suas preces quanto quando está no púlpito se dirigindo a seus fiéis. Ele não permite que haja um espaço de refúgio para Jennings, como já mencionado anteriormente em *Elegante Nightmares*.

O que deixa um questionamento no encerramento do conto é até que ponto a ciência e o método investigativo são o suficiente para a compreensão e resolução dos casos sobrenaturais. Duas das duas leituras que podem explicar a causa do mal que assolava o reverendo Jennings estão relacionadas ao uso abusivo de chá verde - teoria essa levantada por Martin Hesselius no próprio conto-, uma substância alucinógena que pode ter sido a causa das visões com o macaco, e uma ideia psicanalítica<sup>(9)</sup>, na qual a assombração seria um resultado de um sentimento de culpa, relacionado a um pecado por ele cometido no passado e vêm a tona na forma do macaco fantasmagórico, por mais que tentasse reprimir essa lembrança.

Esse aspecto psicológico do terror vai, novamente, ao encontro do conto de Wells já mencionado anteriormente, “O quarto vermelho”. Após vivenciar as experiências sobrenaturais no suposto quarto assombrado, o narrador é questionado quanto ao que de fato ocorreu, de quem era o fantasma que os causara – todos os personagens creditavam os acontecimentos a dois fantasmas diferentes–. Ele então responde de forma filosófica: “‘A pior de todas as coisas que assombram os pobres homens mortais,’ disse eu; ‘e isso é, em toda sua pureza – ‘Medo!’ O medo que não terá luz nem som, que não terá ligação com a razão, que ensurdece e escurece e oprime (...)’”(WELLS, 2013)<sup>(10)(11)</sup>

Outro fator que surge com o crescimento das cidades é a figura do detetive. Figura que se desenvolve através do conceito do *flâneur* de Walter Benjamin - uma figura que se torna "invisível" no caos urbano, situação ideal para que se possa desenvolver uma investigação sem ser percebido. Personagens como o *Chevalier Dupin* de Edgar Allan Poe e Sherlock Holmes *Sir Arthur Conan Doyle* são figuras que se encaixam perfeitamente nas grandes metrópoles, onde os crimes mais surpreendentes acontecem e as forças policiais oficiais precisam recorrer aos detetives a fim de

solucioná-los. Mas, enquanto os detetives de Poe e Conan Doyle se encarregavam de casos onde de fato crimes ocorreram – mesmo que em “Assassinatos da Rua Morgue” não haja exatamente um assassino, visto que o crime foi cometido por um ser não-humano –, o doutor Martin Hesselius, o investigador de Le Fanu em *In a Glass Darkly*, se encarregava dos casos relacionados a aspectos da mente, como *The Watcher*, que persegue Barton em *The Familiar* e o macaco fantasma de “Chá verde”. Vale a pena mencionar uma certa similaridade existente entre os acontecimentos envolvendo o primata de Poe e o de Le Fanu, visto que, em ambos os contos, suas vítimas acabaram degoladas. A arte da investigação está intimamente ligada ao desenvolvimento do discurso científico, visto que cabe ao detetive analisar, identificar e resolver, não há a possibilidade de aceitar os acontecimentos sem investigação, o cientista precisa de uma resposta - mesmo que não seja possível encontrá-la, como em ambos os casos supracitados - dando, assim, uma margem para o papel da investigação metafísica, uma das áreas em que Martin Hesselius confessa ser experiente, uma vez que teve sua obra lida pelo próprio Mr. Jennings: “Não foi por acaso que ele chegou até mim e começou essa conversa. Ele sabia alemão e lera meus ‘Ensaio sobre Medicina Metafísica, o que sugere mais do que eles realmente dizem.” (LE FANU, 2007: 7)<sup>(12)</sup>.

Assim sendo, pode-se notar que há de fato uma relação entre a mudança das vozes de autoridade na sociedade vitoriana e que isso repercute na literatura produzida na época. Dessa forma, conforme o que foi exposto nesse artigo, a dissertação focará nessa contexto sociocultural e o reflexo na literatura produzida, como ambos os discursos são trabalhados e relacionados e até que ponto o autor prestigia os discursos de autoridade. O foco será em contos de Le Fanu onde as figuras do padre e do doutor/cientista estejam presentes, mas outros contos serão utilizados para fins de ilustração e comparação.

### Referências

LANGAN, John. Conversations in a Shadowed Room: The Blank Spaces in "Green Tea" In *Reflections in a Glass Darkly: Essays on J. Sheridan Le Fanu*. New York: Hippocampus Press, 2011.

LE FANU, J.S. *In a Glass Darkly*. Hertfordshire: Wordsworth Limited Editions, 2007.

\_\_\_\_\_. *The Purcell Papers*. Maryland: Serenity Publishers, 2001.

SULLIVAN, Jack. *Elegant Nightmares: The English Ghost Story from Le Fanu to Blackwood*. Ohio: Ohio University Press, 1978.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

WALPOLE, Horace. *The Castle of Otranto*. Edição *Kindle*, 2012.

WELLS, H.G.. “The Red Room”. Edição *Kindle*, 2013.

1 - Tradução própria. No original: “They seemed to belong to another age, an older age, an age when things spiritual were indeed to be feared, when common sense was uncommon, an age when omens and witches were credible, and ghosts beyond denying.”

2 - Por se tratar de uma passagem retirada de um texto no formato *kindle*, não foi possível inserir a página exata onde o trecho em questão se encontra.

3 - Tradução própria. No original: “The culmination of that career is ‘Green Tea’ (...) the story of a man who literary has a monkey on his back, can serve as an ideal introduction not only to Le Fanu’s other tales, but to the entire ghostly school that he spawned.”

4 - Recurso literário utilizado como forma isenção do autor se isentar do caráter ficcional da narrativa.

5 - Tradução própria. No original: “There is one point at which the glen becomes extremely deep and narrow; the sides descend to the depth of some hundred feet, and are so steep as to be nearly perpendicular. The wild trees which have taken root in the crannies and chasms of the rock have so intersected and entangled, that one can with difficulty catch a glimpse of the stream, which wheels, flashes, and foams below, as if exulting in the surrounding silence and solitude.”

6 - Idem. No original: “(...)his doomed heroes are pursued wherever they go, are tormented in the most unlikely places; their ghostly tormentors see no need to confine themselves in depressing Gothic houses and are likely to appear anywhere, often in broad daylight.”

7 - Idem. No original: “With Jennings’ suicide and its aftermath, the ghostly portion of the narrative ostensibly has come to a close. What follows is the medical portion of it. While the ghost story may be content to end in mystery, the medical narrative requires an explanation. Indeed, a practitioner of metaphysical medicine such as Hesselius would appear to be well-suited to account for the clergyman’s story. The medical strand is deployed to contain the ghostly, to render it more intelligible.”

8 - Idem. No original: “Hesselius can be seen as proto-psychologist, and also as a shadowy foretaste of the semi-scientific psychic investigators who underwent a fictional vogue in the early twentieth century.”

9 - O uso do termo da psicanálise aqui se faz apenas para uma facilidade de definição. O conto, publicado em 1872, antecede os escritos, análises e criação formal da psicanálise.

10 - Idem. No original: “‘The worst of all the things that haunt poor mortal men.’ said I; and that is, in all its nakedness - ‘Fear!’ Fear that wilt have light nor sound, that will not bear with reason, that deafens and darkens and overwhelms.”

11 - Ver nota 2.

12 - Tradução própria. No original: “It was not accident that brought him near me, and led him into conversation. He knew German, and had read my *Essays on Metaphysical Medicine*, which suggest more than they actually say.”